

Relatos 28/08/2019 até 25/08/2019

SAMBA – 1 ANO A

Fizemos algumas aulas acompanhando as músicas do samba com os instrumentos que tínhamos na escola. Usamos tantã (tan-tan), pandeiro, surdo, tamborim e uma caixa. Todos instrumentos infantis, com nenhuma afinação. Conforme íamos tocando e revezando os instrumentos, colocamos vídeos de tutoriais ensinando a tocá-los. As crianças iam assistindo na quadra mesmo, ficavam pouco tempo assistindo, pois os toques eram difíceis e não atraíam muito o interesse.





Os alunos e alunas gostavam quando nós colocávamos uma música e combinávamos de tocá-la juntos. Ouvimos basicamente as músicas do grupo Revelação e do Raça Negra. Às vezes, duas alunas pediam as músicas da Escola de Samba Pérola Negra.

Em uma das aulas, duas meninas do 9º ano pediram para participar. Isso porque o intervalo do fundamental II começa no meio da aula do primeiro ano. Como há falta de espaço na escola, é inevitável que os grupos se aproximem. Ao invés de evitar isso, tenho tentado convidá-los a participar. Essas duas alunas ensinaram os/as colegas do primeiro ano a dançar, mostraram como eram os passos, demonstram muita felicidade e satisfação quando sambam. Penso que isso é importante...



Nas aulas subsequentes, mostrei para os alunos e alunas a música Pelo Telefone, do sambista Ernesto dos Santos (Donga). Eles acharam a música muito ruim, a gravação é bastante diferente e pouco atraiu os alunos. Mostrei também uma versão da mesma música gravada pelo sambista Martinho da Vila. Com o som mais “limpo” e audível, os alunos e alunas se interessaram, tentaram cantar e dançar. Ainda na quadra, falei um pouco sobre a versão de que este seria o primeiro samba gravado. Muitos alunos e alunas dispersaram quando coloquei essas músicas, eles e elas inventavam outras brincadeiras, corriam para outras partes do pátio e, de vez em quando, voltavam, sobretudo quando eu os convidava.

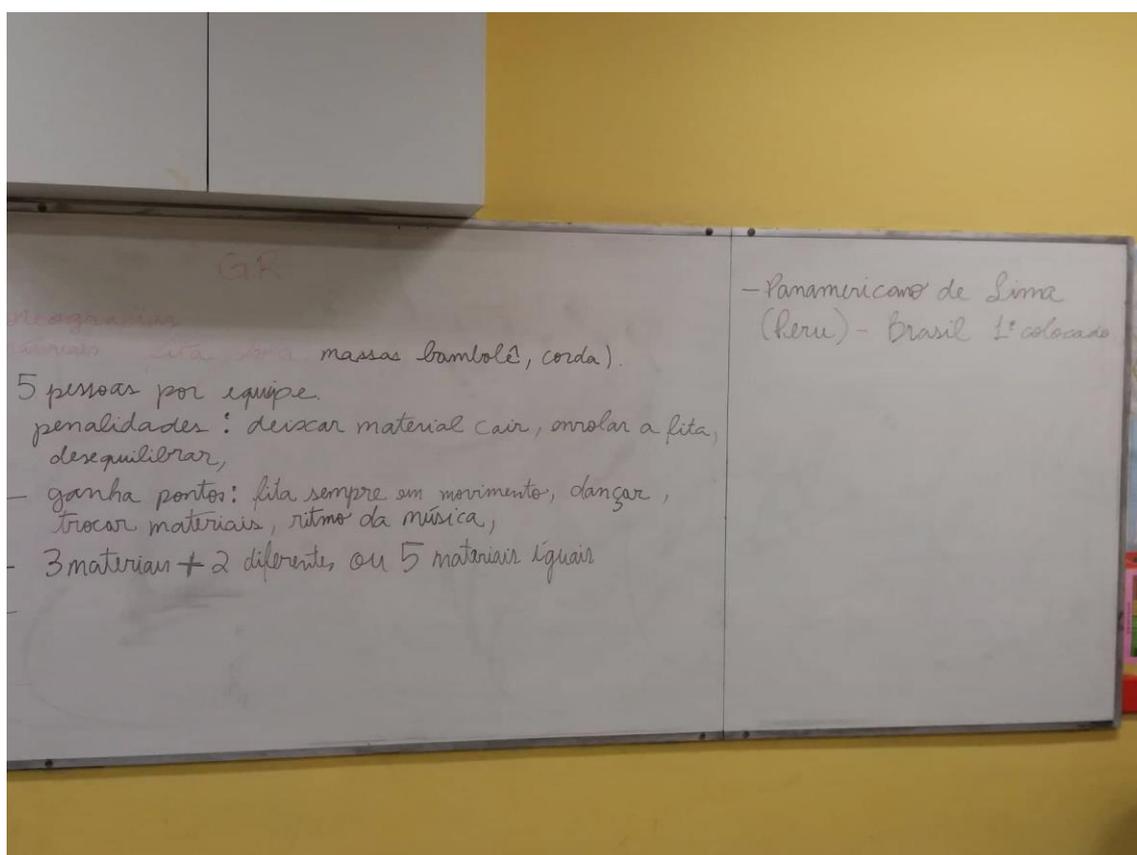
Na aula seguinte, quando me viram, muitos alunos e alunas falaram, “Ah professor vai ser samba outra vez?”, “Não quero mais samba”, “Já enjoiei”, etc. E dentro da sala de aula, solicitei para os/as estudantes elaborar um registro em desenho sobre o que tínhamos estudado até então. Os estudantes foram me pedindo para ensinar a escrever (escrever na lousa) algumas palavras. Escrevemos: SAMBA, SAMBA ENREDO, PANDEIRO, TANTAN, REVELAÇÃO, PELO TELEFONE e PÉROLA NEGRA.

Questões: Falamos para os alunos e alunas sobre as baterias das escolas de samba. Nos registros, vimos que eles desenharam baterias de rock. Como adensar no samba sem que seja algo chato? Uma vez que as falas sobre enjoar e não querer mais fazer apareceram. Como aprofundar nos aspectos sócio-históricos do samba se o pouco que consegui mostrar com a música Pelo Telefone atraiu pouco a atenção deles e delas? Penso ser interessante convidar pessoas, ir na escola de samba Pérola Negra, etc. A participação das meninas do fundamental II ajuda muito... Por onde enveredar a escrita-currículo?

Com os 5º anos A e B estamos tematizando a ginástica rítmica. Os alunos e alunas continuaram elaborando coreografias com seus grupos. Fizeram muitos elementos da ginástica, lançamentos, saltos, troca de implementos, etc. O chão duro têm atrapalhado outros movimentos, estamos pensando em usar tatames nas próximas aulas. Os grupos selecionaram músicas, isso ajudou na continuidade da tematização. Até agora apenas estamos criando as coreografias... As músicas foram as mais diversas, do rock ao eletrônico (marshmallow). Um grupo de alunas que já fez GR pediu música clássica, colocamos e todos e todas elogiaram.

Em uma das aulas subimos para a sala de aula e conversamos sobre o que já tínhamos estudado. Os alunos e alunas destacaram algumas regras da GR, dentre elas a regra de 3 elementos iguais + 2 diferentes ou 5 iguais. Destacaram elementos que agregam pontos, outros que penalizam/tiram pontos. Os alunos falaram sobre os vídeos de GR que tínhamos assistido, especialmente as apresentações da seleção brasileira no Panamericano de Lima.

Ainda não tratamos que questões relacionadas aos aspectos históricos da GR. Estou me organizando para tratar disso, pesquisando...



Continuo com aquelas questões: Como potencializar a GR para além do que já é estabelecido? Como criar coisas com o GR que subvertam ordens e representações fixas coladas à esta prática? GR é feminina? Quando perguntei para os estudantes meninos, o que eles achavam disso, disseram que isso não importava. “Nem ligo”, “não pega nada professor”.

Quais relações de poder podem ser questionadas? Não identifiquei. Como subverter a GR?

Atletismo

Com os 6º anos A e B estamos tematizando atletismo. Estamos tentando conhecer algumas provas, já fizemos: 100m, 4 x 100, corrida ao redor da praça (1200m), arremesso de peso com medicine ball, salto em distância. Em algumas aulas fizemos as provas, vivenciamos bastante, repetimos muitas vezes as execuções. Em uma aula assistimos vídeos sobre atletismo, de algumas provas que já tínhamos feito no pátio. Os alunos e alunas gostaram, se interessaram, mas devido à quantidade de comentários, opiniões, falas descontextualizadas e o tempo escasso, não conseguimos assistir muitos. Em cada sala os vídeos foram diferentes, tentei selecionar na coleção que tenho provas e assuntos que eles e elas tinha comentado durante as aulas.

Não contextualizei todas as provas, não assistimos vídeos de todas as provas.

Nesta turma temos muitos alunos e alunas com deficiência, hidrocefalia e autismo. Todos eles fazem as aulas e participam bastante. Na semana do dia 09 até 14 teremos uma “semana da diferença e inclusão na SME” (pelo menos assim foi dito na JEIF) e estou pensando em fazer provas de atletismo adaptadas. Por exemplo corridas guiadas, arremesso de peso e lançamento de dardo com cadeiras fixas. Fizemos tais atividades, começando por uma corrida de curta distância com uma pessoa vendada e outra como guia. A atividade foi interessante, muitos alunos e alunas participaram da corrida, outros ficaram empolgados torcendo.

Numa parte da atividade alguns estudantes começaram a guiar os colegas propositalmente para a parede. Um deles acabou trombando e quase se machucou. Não pude dar um tratamento adequado ao que foi observado. Apenas disse que essa relação de confiança entre quem enxerga e seu guia parece ser algo muito importante mesmo.







Na aula seguinte fizemos outra atividade voltada para a tematização do atletismo adaptado, desta vez, uma simulação do arremesso de peso para pessoas amputadas ou usuários de cadeira de rodas. Isso porque vimos nos vídeos tempos atrás.



Os alunos e alunas ficaram interessados em como esses atletas eram amarrados (fixos) nos bancos de apoios. E como conseguiam fazer o arremesso. Na nossa atividade, alguns sugeriram amarrar as pessoas na cadeira, fizemos com faixas de quimono.





No mesmo dia em que pensamos na atividade de corrida simulando adaptação para pessoas com deficiência visual, fiquei em dúvida se tal atividade não romantizava, folclorizava a prática. Ainda penso muito sobre isso, mesmo que a discussão sobre esta

identidade de praticantes tenha sido produtiva. Comentei com os alunos e alunas sobre essa dúvida e o problema de atividades que apenas simulam uma realidade. **Cai na armadilha do daltonismo cultural? ... Não sei..** os alunos compreenderam minha dúvida, mas resolvemos fazer mesmo assim. Um lance legal foi que as atividades ainda que divertidas convocaram nos estudantes questões mais referentes à dificuldade em relação à deficiência. Perguntaram: “como eles conseguem correr sem enxergar nada? é impossível!”, “Nossa, ser cego deve ser foda”, “Eu não queria ser cego nem a pau”, “Eu conheço um homem cego na minha rua, que faz tudo sozinho”, “Nem sabia que cego podia andar sem bengala”, “é difícil confiar no outro que está guiando”.